

## A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO DE XINGÓ-MAX PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DOS POVOS PRÉ- HISTÓRICOS

Autor (1): Laíse do Nascimento Santos; Co-autor (1): Maria do Rosário Carvalho Gomes

Orientador (a): Geisa Carla Gonçalves Ferreira

*(Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão;  
Graduandas no curso de Licenciatura em Pedagogia, [laisesantos05@gmail.com](mailto:laisesantos05@gmail.com);  
[carvalhogome123@gmail.com](mailto:carvalhogome123@gmail.com); Doutoranda em Educação (CEDU-UFAL), professora no curso de pedagogia  
(UFAL-SERTÃO) [geisacarla2420@gmail.com](mailto:geisacarla2420@gmail.com)).*

**RESUMO:** Os museus são importantes para compreensão de como se deu o processo histórico de construção de uma sociedade, nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo compreender a importância da preservação dos artefatos arqueológicos para a preservação da memória dos povos pré-históricos. Como também as discussões acerca dos propósitos durante as visitas ao museus, sua contribuição para o conhecimento e preservação dos artefatos históricos. Este referente trabalho deu-se por meio de uma coleta de dados em uma visita ao MAX, Museu Arqueológico de Xingó, que fica situado na região do bairro Xingó localizado em Canindé do São Francisco Sergipe, no alto sertão, associada à pesquisa bibliográfica de teóricos que tratam do assunto. A pesquisa adotada foi o estudo participante, na qual por meio da nossa visita<sup>1</sup> tivemos a oportunidade de nos aprofundar um pouco no modo de vida desses povos e sua cultura, cultura essa cheia de riquezas naturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Museu, Memória, povos pré-históricos, preservação, arqueologia.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo reflete acerca da importância do MAX para a preservação da memória cultural da sociedade e dos povos pré-históricos, a partir dos seus conceitos e características, bem como dos materiais coletados durante as escavações dos Sítios arqueológicos que ficam localizados nas mediações da atual Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF). Analisou-se a importância do memorial MAX (Museu Arqueológico de Xingó) para a preservação da memória cultural dos povos pré-históricos, o mesmo localiza-se no alto sertão em Canindé do São Francisco Sergipe. Buscamos compreender como contribui para o estudo das culturas humanas por meio de restos materiais; identificando os artefatos e fósseis que

---

<sup>1</sup> A visita técnica foi orientada pelas disciplinas PELS040-Saberes e Metodologias do Ensino de História I e PELS042- Estágio Supervisionado II, nas quais são ministrantes a Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Carla Taciane Figueiredo e a Prof<sup>ª</sup> Carla Gonçalves Ferreira, doutoranda em Educação pela (CEDU-UFAL), ambas professora no curso de pedagogia (UFAL-SERTÃO).

expressam o modo de sobrevivência dos povos pré-históricos e as características e expressões culturais presentes no museu.

É importante destacar que durante o início da construção da hidrelétrica de Xingó, em 1998, a Universidade Federal de Sergipe (UFS) desenvolveu um projeto que visava o salvamento arqueológico na área que seria inundada pelo reservatório. Neste contexto foram descobertos artefatos e fósseis arqueológicos que caracterizam a cultura dos habitantes dessa região. Sobre a construção da Usina Hidrelétrica Diniz (2005) afirma:

A partir de 1988, com o início dos trabalhos de construção da Usina Hidrelétrica de Xingó, foi desenvolvido pela UFS, com apoio da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF), projeto de salvamento arqueológico na área que seria inundada pelo reservatório da nova usina, o que permitiu identificar a existência de uma cultura xingoana na região, há pelo menos 9.000 anos atrás. (DINIZ, 2005, p.63-72)

É de extrema importância a parceria realizada entre a CHESF e a UFS, pois a mesma contribui para a preservação da cultura pré-histórica daquela região, e para a produção de conhecimento obtidos nos sítios arqueológicos.

O memorial MAX desempenha um importante papel nesse processo de preservação da memória cultural e congrega em sua definição, conceitos, características, e funções apresentados em um museu, transmitindo, através dos seus objetos, fatos e informações importantes para entender a cultura dos povos pré-históricos que viviam naquela região.

Na cultura desses povos predominavam as pinturas e gravuras rupestres, os mesmos utilizavam esses meios de comunicação. No geral as pinturas observadas no museu eram feitas em pedras, as representações eram de plantas, animais, pessoas do período em que viviam, e imagens do seu cotidiano, tais como os rituais, danças, caça, alimentação, e etc. O homem pré-histórico se expressava também por meio de esculturas em madeira, osso e pedra, o que fica perceptível nas exposições.

Os materiais dispostos no museu constitui-se referência para toda arqueologia brasileira. Esse patrimônio arqueológico é um bem de todos, nessa perspectiva assumem papel importante para as gerações futuras e para a preservação da memória dos povos pré-históricos.

Os museus deixam de ser espaços de posse e reflexão apenas, ou de transmissão de curiosidade de objetos resultante de pesquisas e possibilitam a interpretação de culturas e de educação dos cidadãos, fortalecendo a cidadania e o respeito as diferenças culturais. Portanto, a experiência de visita ao MAX nos proporcionou construir e compartilhar conhecimentos e ressignificar descobertas sobre as memórias desses povos.

Compreender o povo brasileiro pressupõe o conhecimento de suas raízes, associado a consciência sobre o “papel” da arqueologia enquanto campo de conhecimento e de resgate dos vestígios humanos. Com isso, intensificamos saberes inerentes ao desenvolvimento da humanidade ao longo do tempo enfatizando o traçado histórico.

## **METODOLOGIA**

Usamos como parte metodológica a visita técnica realizada ao MAX, associada à pesquisa bibliográfica de teóricos que tratam do assunto. Tal pesquisa se deu por meio da nossa visita, pela qual tivemos a oportunidade de nos aprofundar um pouco no modo de vida desses povos e suas formas de sobrevivência. Para tanto, foi necessário um guia nos acompanhar e explicar as funções e importância dos artefatos expostos. Outros tipos de Instrumentos de coletas de dados foram o diário de campo, registro de fotos e diálogo entre teoria e as informações coletadas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A história de uma região pode ser contada ou observada por vários aspectos, como por exemplo os objetos, considerados artefatos arqueológicos, que por meio deles pode se fazer uma contextualização do modo de vida da população existente na época, por meio da oralidade, monumentos históricos, vestígios arqueológicos e outras fontes históricas. Nessa escrita enfatizamos a construção do conhecimento históricos presentes nos vestígios arqueológicos.

Para compreender o diálogo entre arqueologia e história é indispensável discutir o termo cultura.

Para Morin:

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social. Não há sociedade humana, arcaica ou moderna, desprovida de cultura, mas cada cultura é singular. Assim, sempre existe a cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas. (MORIN, 2002, p.56).

Ou seja, a cultura sempre existiu, não foi diferente com os pré-históricos que têm de alguma maneira seus costumes e modos de vida expostos no museu, e que nos faz refletir sobre nossas raízes culturais que se mesclam ao longo do tempo.

De acordo com Santos (2003), a cultura é algo humano, no sentido de que se relaciona com o homem, em sua individualidade e em seus relacionamentos sociais, e com o meio em que vive. Cultura é tudo aquilo que não é natureza, ou seja, tudo que é produzido pelo ser humano. Complementando essa afirmação, Candau (2003) afirma que cultura é um fenômeno plural, multiforme que não é estático, mas que está em constante transformação, envolvendo um processo de criar e recriar. Ou seja, a cultura é por sua vez um componente ativo na vida do ser humano e manifesta-se nos atos mais corriqueiros da conduta do indivíduo e, não há indivíduo que não possua cultura, pelo contrário cada um é criador e propagador de cultura. Podemos perceber por meio dos artefatos e fósseis a cultura dos povos pré-históricos que viviam na região xingó-SE.

A cultura domina todos os aspectos de uma sociedade por isso que ela vai de geração e geração, mais sempre ocorrendo diversas mudanças como nos costumes, crenças e valores de uma sociedade e até mesmo da família. Portanto, ela rege todo comportamento e pensamento de uma sociedade, mais sempre preservando as tradições de outra cultura e costumes de outros povos. Então é através dessa interação de cultura com cultura que surgiu novos valores, crenças de cada pessoa, até mesmo a forma como elas se expressa e se comunica.

Os povos pré-históricos brasileiros viviam em grandes famílias, eles se alimentavam da caça, pesca e frutos e suas ferramentas eram machados e lanças de madeiras para caça. Viviam em cavernas e cabanas de madeiras e palha.

As pinturas rupestres encontradas expostas no museus, é uma das artes, que o homem criou para se comunicar e se expressar, essa arte foi, sem dúvida, a primeira delas, antes da linguagem escrita, como se conhece. Tais pinturas tiveram grande importância social e cultural. Segundo Edgar Morin, as considera como uma das fontes de informação sobre o pensamento e a organização dos grupos que as criaram e sobre os acontecimentos ocorridos naqueles momentos distantes. (MORIN, 2000, p: 97).

Ou seja, esses grupos criaram seus próprios meios de comunicação por meio daquilo que eles possuíam.

Considerando que estamos estudando a relevância do MAX para a preservação da memória dos povos pré-históricos, faz-se necessário dialogar com o conceito de memória, tendo em vista que ambos estão intrinsecamente interligados.

Para Pollak são três os elementos que servem de apoio à memória: os acontecimentos vividos, as pessoas e os lugares. (POLLAK,1989). Da mesma forma, para Halbwachs, os locais recebem as marcas dos grupos que os ocuparam e cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é compreensível para os membros desses grupos. Essas marcas ficam registradas e são revisitadas através da memória que, segundo o autor, podem ser individuais ou coletivas. Segundo Halbwachs, a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, de forma que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. Assim, a origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que são atribuídas às individualidades são, na verdade, inspiradas pelo grupo e manifestam-se através do que ele chama de intuição sensível, ou seja, o indivíduo lembra em grupo.

O recurso da memória relacionado às histórias de vida é defendido por Halbwachs (2004).

Afirma o autor:

Os quadros coletivos da memória não se resumem a datas, nomes e fórmulas; eles representam correntes de pensamento e de experiências onde reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por tudo isso [...] a memória apoia-se sobre o “passado vivido”, o qual permite a constituição narrativa do passado do sujeito de forma viva e natural [...] (Halbwachs, 2004, p. 71-75).

Por isso, que a memória não é um depósito de tudo o que acontece. Ela é, por excelência, seletiva. Guarda-se aquilo que, por algum motivo, teve ou tem algum significado, aquilo sobre o qual o sujeito produz sentido. Então, Placco e Souza explicam que (2006, p. 26):

A memória é o ponto de partida e chegada; ela nos enche de sentido. Recriamos o legado de gerações e de tantas contribuições significativas ao conhecimento humano, com os olhos e os filtros de hoje. Neste processo, contracenam o individual e o coletivo, o antigo diante do novo e, ao apropriar-se do que ainda é desconhecido, revelamos contrastes, semelhanças e diferenças. Portanto, a memória mistura tudo: sensações, emoções e lembranças. (PLACCO E SOUZA,2006, p.26).

Então a memória pode ser compreendida como a capacidade que as pessoas têm de relembrar e conservar as experiências e informações que está ligado ao passado, por meio de uma interação de cada indivíduo. Por isso que as nossas lembranças vão de acordo com a nossa capacidade de compreensão e sempre elas são adaptadas de acordo com as nossas vivências e interação com o mundo. E cada passo dado é um novo passo, nunca podemos se desfazer ou refazer nossas lembranças, por mais que se volte pelo mesmo caminho.

A visita ao MAX nos possibilitou recordar memórias que temos, seja por meio de uma imagem vista ou um comentário dito durante a visita.

Da mesma forma que os povos destroem monumentos por questões ideológicas, como símbolos a serem apagados da memória, outros bens culturais são preservados, ainda que não considerados obras de arte, simbolizando o desejo de perpetuação do contexto histórico no qual se inserem.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos [...] aberta à dialética da lembrança, e do esquecimento, inconsciente de suas deformações, [...] a história é a reconstrução sempre problemática do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no presente; a história, uma representação do passado. (NORA, 1993, p.9).

Conforme Montenegro (2001)

A memória tem como característica fundante o processo relativo que a realidade provoca no sujeito. Ela se forma e opera a partir da reação, dos efeitos, do impacto sobre o grupo ou o indivíduo, formando um imaginário que se constituiu em uma referência permanente de futuro. (MONTENEGRO, 2001, pág.19).

Montenegro afirma que é fundamental a valorização da memória que se determina por ser base da identidade, e é pela memória que se chega a história local. Além da memória das pessoas, escrita ou recuperada pela oralidade, existem “lugares da memória”, expressos por monumentos, praças, edifícios públicos ou privados, mas preservados como patrimônio histórico. Os vestígios do passado de todo e qualquer lugar, de pessoas e de coisas, de paisagens naturais ou construídas tornam-se objeto de estudo.

Destacamos a importância da preservação de artefatos e fósseis, pois, é por meio deles que entenderemos o nosso processo histórico, bem como nossos costumes.

De acordo com Santos (2003) preservação é um conjunto de procedimento e medidas destinadas a assegurar a proteção física dos arquivos, bibliotecas etc. E para complementar Maia (2003) diz que, nesse contexto, preservar é a palavra-chave quando pensamos em memória, remetendo à ideia de proteção, cuidado, respeito. Preservar não é apenas guardar algo, mas também fazer levantamentos, cadastramentos, inventários, registros, etc. (MAIA, 2003, p. 39).

Por isso, entendemos que a importância de preservar informações de qualquer tipo, pode ser um suporte de ajudar a necessidade de conservar o passado e compreender o presente.

Santos (2003) diz que, preservação significa um conjunto de procedimentos e medidas que proporcionam a segurança física de documentos de arquivos, bibliotecas etc.; contra agentes de deterioração. Observa-se então, a preservação como ato ou efeito de salvaguardar alguma coisa contra agentes que venham a pôr em risco os artefatos que representam à memória de uma sociedade.

Conforme define o Estatuto dos Museus, os museus são:

“Instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valores históricos, artísticos, científicos, técnicos, ou de qualquer outra natureza cultural, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”. (IBRAM, 2009).

Portanto, o museu é um espaço muito rico e cheio de possibilidades, onde se preserva a memória de uma cidade e de povos que viveu naquela região e um lugar de muitas histórias. Ao visitamos o museu nos possibilitou de fazermos uma viaja ao tempo e de conhecer as memórias daquele lugar e lá é um espaço para observamos o passado. E os museus devem ser locais sem restrição de público, onde todos sejam bem-vindos a visitá-los, a conhecer e se apropriar de todo o conhecimento que os mesmos têm para oferecer. A visitação pode e deve ser um momento de prazer, aventura e aprendizado.

Segundo Caldeira (2005, p.141) “os museus realizam amostras nas quais exibem todo tipo de objeto que apresente interesse histórico, arquitetônico, etnológico, antropológico, tecnológico, artístico e cultural”. No qual possuem um papel social para a divulgação da cultura da sociedade, preservando sua história e atendendo as necessidades informacionais da população.

Diante do exposto pode-se afirmar que o museu é um local com grande potencial educativo de onde é possível resgatar memórias, além de uma verdadeira noção do que é patrimônio histórico e cultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A visita ao Museu MAX nos proporcionou conhecer um pouco da cultura e memória dos povos pré-históricos por meio de artefatos e fósseis. Nessa perspectiva entendemos sua importância não apenas para as pessoas da cidade. Sendo assim, ao explorar o museu, descobri-se experiências inestimáveis na construção social dos sujeitos, uma vez que o encontramos nos museus, é mais que um depósito de coisas velhas, e ao contrário disto, o que encontramos lá está diretamente ligado à nossa própria história e existência, está relacionado à de onde viemos, qual percursos percorremos até chegarmos onde estamos e porque não dizer também o lugar para onde vamos.

É cada vez mais raro podermos encontrar pessoas que se interessem por histórias contadas em museus ou que estejam ligadas ao nosso passado. É importante que se tenha uma boa preservação de fatos que comprovem essas narrativas encontradas ao longo da nossa caminhada

e trajetória da nossa vida. Esses são tão importantes quantos os acontecimentos recém-vividos em nossa vida.

Sendo assim, tal a visita despertou o interesse pelo nosso passado e pela preservação do mesmo, onde pudemos conhecer coisas muito interessantes para construção dos povos que viveram antes da gente e que contribuíram hoje com materiais que nos fornecem informações sobre os mesmos e nos ajudam a compreender nossa cultura atual.

## REFERÊNCIAS

- CALDEIRA, Paulo da Terra. Museus. In: CAMPELO, Bernadete Santos; Caldeira, Paulo da Terra. (Org.). **Introdução as fontes gerais de informação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão - **Educação escola e Cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação, 2003.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Por Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- WOODWARD, Ian. **The Material Representing the Cultural Universe**. Objects, Symbols and Cultural Categories. In: Understanding Material Culture. New York: SAGE Publications, 2007. p.84-110.
- MORIN, Edgar. **O paradigma perdido: a natureza humana**. Trad. Hermano Neves. Lisboa: Publicações Europa-América, 2000.
- MONTENEGRO, Ana Maria da Costa. **Ensino de História: Das Dificuldades e Possibilidades de um Fazer**. In. DAIVES, N. (org.) Para Além dos Conteúdos no Ensino de História. Niterói: Eduff, 2001.
- NORA, Pierre. **115 anos de Lajeado**: Lajeado tem um prédio tombado e inventário de casas com valor histórico. Lajeado, RS, 2006.
- Placco, V. M. N. S., & Souza, V. L. T. (2006). **Aprendizagem do adulto professor**. São Paulo: Editora Loyola.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Revista da Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, v. 3, n. 2, p. 3-15, 1989.
- POMIAN, Krzystof. **Memória**. In: GIL, Fernando. Sistemática Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2000. p. 507- 516. (Enciclopédia Einaudi, v.42).
- SANTOS, G. C. A. **Siglas e termos técnicos**: arquivística, biblioteconomia, documentação, informática. Campinas, SP: Editora, Ática, 2003. 277p.